

DO AUTOR #1 DO *THE NEW YORK TIMES*
A SEQUÊNCIA DE *SKYWARD*: CONQUISTE AS ESTRELAS

BRANDON SANDERSON

STARSIGHT

VEJA ALÉM DAS ESTRELAS

 Planeta minotauro

BRANDON
SANDERSON

STARSIGHT
VEJA ALÉM DAS ESTRELAS

Tradução

Márcia Blasques

Copyright © Dragonsteel Entertainment, LLC, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Márcia Blasques
Os direitos morais do autor estão afirmados.
Todos os direitos reservados.
Título original: *Starsight*

Preparação: Giovana Bomentre
Revisão: Renato Ritto e Ligia Alves
Diagramação: Anna Yue e Francisco Lavorini
Projeto gráfico: Beatriz Borges
Arte da capa: Charlie Bowater
Adaptação de capa: Beatriz Borges
Mapa: Bryan Mark Taylor
Ilustrações adicionais: Isaac Stewart e Ben McSweeney

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Sanderson, Brandon

Starsight / Brandon Sanderson; tradução de Márcia Blasques. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
325 p.: il.

ISBN: 978-85-422-1960-9

Título original: Starsight

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Título II. Blasques, Márcia

22-5568

CDD: 813

Índice para catálogo sistemático:

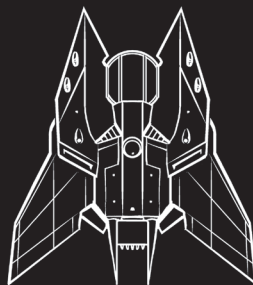
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br



PRIMEIRA PARTE

Planeta minolauto



Acionei a velocidade máxima e acelerei meu caça estelar pelo meio do caos de disparos de incineradores e explosões. Acima de mim se estendia a vastidão incrível do espaço. Comparados àquela escuridão infinita, tanto planetas quanto naves estelares pareciam insignificantes. Sem significado.

Exceto, é claro, pelo fato de que aquelas naves estelares minúsculas estavam dando o seu melhor para me matar.

Desviei, girando a nave e desligando os propulsores na metade da curva. Assim que terminei de virar, acionei os propulsores novamente, acelerando na outra direção em uma tentativa de me livrar das três naves que me perseguiram.

Lutar no espaço é muito diferente de lutar na atmosfera. Só para citar um exemplo: as asas são inúteis. Não ter ar significa não ter fluxo de ar, não ter sustentação nem arrasto. No espaço, você não voa de verdade. Você simplesmente não cai.

Executei outro giro e acelerei, voltando novamente para a direção do tiroteio principal. Infelizmente, manobras que parecem impressionantes na atmosfera são comuns aqui em cima. Lutar no vácuo ao longo destes últimos seis meses forneceu um novo conjunto de habilidades que eu precisava dominar.

— Spensa — uma animada voz masculina disse do meu console —, lembra que me pediu para avisá-la quando estivesse sendo mais irracional que o normal?

— Não — respondi com um grunhido enquanto desviava para a direita. Os disparos de incinerador vindos de trás passaram pelo alto do meu cockpit. — Não acredito que teria pedido algo do tipo.

— Você disse: “Podemos falar sobre isso mais tarde?”.

Desviei novamente. Caramba. Será que aqueles drones estavam ficando melhores em combate aéreo ou eu estava perdendo o jeito?

— Tecnicamente, já era “mais tarde” logo depois que você falou — continuou a voz tagarela; a inteligência artificial da minha nave, M-Bot —, mas os seres humanos na verdade não usam essa expressão com o sentido de “um momento cronologicamente depois deste”. Eles usam para dizer “algum momento no futuro depois de agora, quando for mais conveniente para mim”.

Os drones dos Krell enxamearam ao nosso redor, tentando impedir minha fuga de volta ao ponto principal do campo de batalha.

— E você acha que *este* é um momento mais conveniente? — questionei.

— Por que não seria?

— Porque estamos em combate!

— Bem, eu poderia considerar que uma situação de vida ou morte é *exatamente* o melhor momento para uma pessoa saber se está sendo mais irracional que o normal.

Eu conseguia me lembrar, com certa afeição, da época em que minhas naves espaciais *não eram tão respondonas*. Tinha sido antes de eu ajudar a consertar M-Bot, cuja personalidade era um resquício de uma antiga tecnologia que ainda não compreendíamos. Com frequência eu me perguntava: será que todas as inteligências artificiais avançadas eram atrevidas assim, ou a minha era um caso especial?

— Spensa — disse M-Bot. — Você deveria levar esses drones na direção dos seus companheiros, lembra?

Já haviam se passado seis meses desde que derrotamos a tentativa dos Krell de nos exterminar com um forte bombardeio. Com nossa vitória, descobrimos alguns fatos importantes. O inimigo que chamamos de “Krell” era um grupo de alienígenas encarregado de conter meu povo em nosso planeta, Detritus, um tipo de cruzamento entre prisão e reserva natural para a civilização humana. Os Krell prestavam contas a um governo galáctico maior chamado Supremacia.

Eles empregavam drones guiados remotamente para lutar conosco – pilotados por alienígenas que viviam muito longe e que controlavam os drones por um sinal mais rápido que a luz, MRL. Os drones nunca eram guiados por inteligência artificial, pois era contra a lei galáctica deixar uma nave pilotar a si mesma. Até mesmo M-Bot tinha sérios limites quanto ao que podia fazer por conta própria. Além disso, havia algo que a Supremacia temia profundamente: pessoas com a habilidade de perceber no espaço essa comunicação MRL. Pessoas chamadas citônicas.

Pessoas como eu.

Eles sabiam o que eu era, e me odiavam por isso. Os drones tendiam a mirar especificamente em mim – e podíamos usar esse fato a nosso favor. *Precisávamos* usar. Na instrução pré-batalha de hoje, eu convenci o restante dos pilotos a, relutantemente, aceitar um plano ousado. Eu sairia um pouco da formação, fazendo com que os drones do inimigo fossem atrás de mim, e então os levaria até o restante da equipe. Meus amigos poderiam então eliminar os drones que se concentravam em mim.

Era um bom plano. E eu pretendia cumpri-lo... em algum momento. Agora, no entanto, eu queria testar uma coisa.

Acionei a velocidade máxima, acelerando para longe das naves inimigas. M-Bot era mais rápido e mais manobrável do que eles, embora parte de sua grande vantagem fosse a capacidade de manobrar em alta velocidade no ar sem se desfazer em pedaços. Aqui, no vácuo, não era um fator relevante, e os drones inimigos se saíram melhor em nos acompanhar.

Eles me seguiram como um enxame, enquanto eu mergulhava em direção a Detritus. Meu planeta natal era protegido por camadas de antigas plataformas de metal – como cacos de conchas – repletas de postos de artilharia. Depois da nossa vitória, seis meses antes, expulsamos os Krell e eles ficaram mais longe do planeta, para além das plataformas. Nossa estratégia de longo prazo atual era enfrentar o inimigo no espaço e impedi-lo de se aproximar do planeta.

Mantê-los afastados tinha permitido que nossos engenheiros – incluindo meu amigo Rodge – começassem a ganhar o controle das plataformas e de suas armas. Com o tempo, elas e seus muitos postos de artilharia poderiam proteger nosso planeta de incursões. Mas, por enquanto, a maior parte daquelas plataformas defensivas ainda era autônoma – e podia ser tão perigosa para nós quanto para nossos inimigos.

As naves Krell enxameavam atrás de mim, ansiosas para me afastar do campo de batalha – onde meus amigos enfrentavam o restante dos drones em um imenso combate. A tática de me isolar partia de uma presunção fatal: que, se estivesse sozinha, eu seria menos perigosa.

— Não vamos voltar e seguir o plano, vamos? — perguntou M-Bot.
— Você vai tentar lutar por conta própria.

Não respondi.

— Jorgen vai ficar tããããão bravo — disse M-Bot. — A propósito, aqueles drones estão tentando levá-la por um rumo específico, que estou delineando em seu monitor. Minhas análises preveem que estão planejando uma emboscada.

— Valeu — falei.

— Só estou tentando impedir que você me exploda — comentou M-Bot. — A propósito, se *de fato* nos matar, fique sabendo que pretendo assombrar você.

— Me assombrar? — perguntei. — Você é um robô. Além disso, eu também vou estar morta, certo?

— Meu fantasma robótico vai assombrar seu fantasma de carne e osso.

— E como isso é possível?

— Spensa, fantasmas não são reais — ele disse, em um tom exasperado. — Por que está se preocupando com coisas como essa em vez de voar? Honestamente, humanos se distraem com muita facilidade.

Localizei a emboscada: um grupo menor de drones Krell tinha se escondido em um pedaço maior de metal que flutuava um pouco além do alcance dos postos de artilharia. Quando me aproximei, os drones da emboscada vieram em disparada na minha direção. Mas eu estava pronta. Relaxei os braços e deixei meu subconsciente tomar conta. Afundei em mim mesma, entrando em um tipo de transe no qual eu ouvia.

Só que não com meus ouvidos.

Os drones de controle remoto funcionavam bem para os Krell na maior parte das situações. Eram um jeito dispensável de reprimir os humanos em Detritus. Mas as distâncias enormes envolvidas no campo de batalha forçavam os Krell a se basearem em comunicações instantâneas MRL para controlar os drones. Eu suspeitava de que seus pilotos estavam muito distantes – e, mesmo se estivessem na estação Krell que pairava no espaço perto de Detritus, o atraso nas comunicações de rádio vindas de lá tornariam os drones lentos demais para reagirem em batalha. Então, a velocidade MRL era necessária.

Aquilo expunha uma falha importante. Eu conseguia ouvir as ordens deles.

Por algum motivo que não entendia, eu conseguia *ouvir* o lugar onde a comunicação MRL acontecia. Eu o chamava de “nada”, outra dimensão, na qual nossas regras da física não se aplicavam. Eu conseguia ouvir aquele lugar, e ocasionalmente ver dentro dele – e ver as criaturas que viviam ali me observarem.

Uma única vez, na batalha épica que ocorrera seis meses antes, eu conseguia *entrar* naquele espaço e teletransportar minha nave por uma longa distância em um piscar de olhos. Ainda não sabia muito sobre meus poderes. Não consegui me teletransportar novamente, mas estou aprendendo que, o que quer que exista dentro de mim, é algo que posso aproveitar e usar em batalha.

Deixei meus instintos tomarem conta, e conduzi minha nave em uma sequência complexa de manobras evasivas. Meus reflexos treinados para batalha, combinados à habilidade inata de ouvir as ordens dos drones, manobram minha nave sem instruções conscientes específicas da minha parte.

Essa habilidade citônica me fora passada pela minha linhagem familiar. Meus ancestrais a usaram para guiar antigas frotas estelares por toda a galáxia. Meu pai tinha a habilidade, e o inimigo a explorou para matá-lo. Agora eu a usava para permanecer viva.

Reagi antes dos Krell, respondendo às suas ordens – de algum modo, eu as processava *ainda mais rápido* que os drones. Quando atacaram, eu já estava desviando dos disparos dos incineradores. Acelerei entre eles, e então disparei meu PIM, derrubando os escudos de todo mundo nas proximidades.

No meu estado de concentração absoluta, não me preocupei que o PIM derrubasse meu escudo também. Não importava.

Ativei a lança de luz, e a corda de energia espetou uma das naves inimigas, conectando-a à minha. Então, usei a diferença de impulso para nos fazer girar, o que me colocou atrás do bando de naves indefesas.

Flashes de luz e faíscas irromperam no vazio enquanto eu destruía dois dos drones. Os Krell restantes se espalharam como os aldeões diante do lobo em uma das histórias da Vozinha. A emboscada implodiu em caos enquanto eu escolhia um par de naves e atirava nelas com os incineradores – explodindo uma enquanto uma parte de minha mente rastreava as ordens dadas às demais.

— Nunca deixo de me surpreender quando você faz isso — M-Bot comentou baixinho. — Está interpretando os dados mais rápido que minhas projeções. Você parece quase... não humana.

Cerrei os dentes, me preparando, e girei a nave, acelerando-a atrás de um drone Krell desgarrado.

— Digo isso como elogio, a propósito — disse M-Bot. — Não que haja algo de errado com os humanos. Acho sua natureza frágil, emocionalmente instável e irracional um tanto quanto cativante.

Destruí aquele drone e banhei o casco da minha nave na luz de sua morte ardente. Então desviei para a direita, entre os disparos de outros dois. Embora os drones Krell não tivessem pilotos a bordo, parte de mim sentia pena enquanto tentavam lutar contra mim – uma força inabalável e irreconhecível que não jogava pelas mesmas regras que regiam tudo o que eles conheciam.

— Provavelmente — M-Bot continuou —, tenho consideração pelos humanos apenas por ser programado para isso. Mas, ei, não é diferente do instinto programado que faz uma mãe pássaro amar as abominações retorcidas e sem penas que ela gera, certo?

Não humana.

Serpentei e me esquivei, disparei e destruí. Eu não era perfeita; às vezes eu exagerava numa compensação e perdia muitos disparos. Mas tinha uma vantagem clara.

A Supremacia – e seus lacaios, os Krell – obviamente sabia que precisava ficar de olho em pessoas como meu pai e eu. Suas naves estavam sempre em busca de humanos que voassem bem demais ou que reagissem com muita rapidez. Tinham tentado controlar minha mente, explorando a fraqueza do meu talento – a mesma coisa que fizeram com meu pai. Por sorte, eu tinha M-Bot. Sua blindagem avançada era capaz de filtrar os ataques mentais ao mesmo tempo que me permitia ouvir as ordens dos inimigos.

Tudo isso levantava uma única pergunta assustadora. *O que eu era?*

— Eu me sentiria muito mais confortável — comentou M-Bot — se você desse um jeito de reiniciar nosso escudo.

— Não dá tempo — falei. Precisávamos de uns bons trinta segundos sem controles de voo para fazer isso.

Tive outra chance de voltar para o campo de batalha principal, para prosseguir com o plano que eu delineara. Em vez disso, dei meia-volta, acionei a velocidade máxima e saí em disparada na direção das naves inimigas. Meus capacitores gravitacionais absorveram uma grande porcentagem das forças g e me impediram de sofrer um grande impacto, mesmo assim eu sentia a pressão me esmagando contra o assento, empurrando minha pele para trás e deixando meu corpo pesado. Sob forças g extremas, eu sentia como se tivesse envelhecido cem anos em um segundo.

Prossigui e atirei nos drones Krell restantes. Forcei minhas estranhas habilidades até o limite. Um disparo de incinerador Krell roçou o alto do meu dossel, tão brilhante que deixou um borrão na minha vista.

— Spensa — disse M-Bot. — Tanto Jorgen quanto Cobb ligaram para reclamar. Sei que você me disse para distraí-los, mas...

— Continue distraindo.

— Suspiro resignado.

Fiz uma curva para perseguir uma nave inimiga.

— Por acaso você acabou de dizer as palavras *suspiro resignado*?

— Acho que as comunicações humanas não linguísticas são muito facilmente mal interpretadas — disse ele. — Estou experimentando modos de explicitá-las.

— Isso não tira todo o sentido delas?

— Obviamente, não. Revirar de olhos depreciativo.

Os incineradores arderam ao meu redor, mas explodi mais dois drones. Então vi algo aparecer, refletido no dossel do meu cockpit. Era um punhado de luzes brancas penetrantes, como olhos me observando. Quando eu usava demais minhas habilidades, alguma coisa do nada olhava e me via.

Eu não sabia o que eram. Só os chamava de “os olhos”. Mas sentia um *ódio ardente* vindo deles. Uma raiva. De algum modo, tudo aquilo estava conectado. Minha capacidade de ver e ouvir o nada, os olhos que me observavam daquele lugar e o poder de teletransporte que eu só conseguira usar uma vez.

Eu ainda conseguia lembrar nitidamente como me senti quando fiz aquilo. Estava à beira da morte, sendo envolvida por uma explosão cataclísmica. Naquele momento, de algum modo, ativei algo chamado hiperdrive citônico.

Se eu conseguisse dominar aquela capacidade de teletransporte, poderia libertar meu povo de Detritus. Com aquele poder, poderíamos escapar dos Krell para sempre. Então eu forçava meus limites cada vez mais.

Da última vez que eu dera o salto, estava lutando pela minha vida. Se pudesse recriar as mesmas emoções...

Mergulhei, a mão direita na esfera de controle, a esquerda segurando o acelerador. Três drones vieram atrás de mim, mas registrei seus disparos e ajustei o ângulo da nave para que todos errassem. Acionei o acelerador e minha mente roçou o nada.

Os olhos continuavam a aparecer, refletidos no dossel, como se revelassem algo que me observava por detrás do meu assento. Luzes brancas, como estrelas, mas algo mais... ciente. Dúzias de pontos brilhantes malévolos. Ao entrar em seu reino, mesmo que de leve, eu me tornava visível para eles.

Aqueles olhos me enervavam. Como eu podia ficar ao mesmo tempo fascinada e aterrorizada por aqueles poderes? Era como o chamado do vazio que alguém sentia ao ficar na beira de um grande precipício nas cavernas, sabendo que era possível simplesmente se lançar naquela escuridão. Um passo adiante...

— Spensa! — chamou M-Bot. — Nova nave se aproximando!

Saí de meu transe e os olhos desapareceram. M-Bot usou a tela do console para destacar o que tinha localizado. Um novo caça estelar, quase invisível contra o céu negro, emergiu de onde os outros estavam escondidos. Elegante, com o formato de um disco e pintura do tom negro do espaço. Era menor do que as naves Krell normais, mas tinha um dossel maior.

Essas novas naves negras só tinham começado a aparecer nos últimos oito meses, nos dias que levaram à tentativa de bombardear nossa base. Naquela época não tínhamos percebido o que significavam, mas agora sabíamos.

Eu não conseguia ouvir os comandos que essas naves recebiam — porque não havia nenhuma transmissão. As naves negras como esta não eram controladas remotamente. Em vez disso, levavam pilotos alienígenas de verdade. Em geral, um ás inimigo — o melhor de seus pilotos.

A batalha tinha acabado de ficar muito mais interessante.



Meu coração deu um pulo de entusiasmo.

Um ás inimigo. Lutar contra drones era empolgante, sim, mas também faltava algo. Não era pessoal o suficiente. Já um duelo com um ás era como as histórias que a Vozinha contava. Pilotos corajosos envolvidos